

# A Coisa, o Objeto e o Lixo

Fabio Henrique Dias Maximo;

Greice Rejane Moraes Vaz;

Sérgio Antônio Silva

---

## resumo:

O lixo poderia ser considerado uma 'coisa artificial'? Seria um objeto que outrora carregado de significados se tornou insignificante ao ser humano e perdeu o valor? Pensando nos descartes dos objetos e da incapacidade de encontrarmos um novo sentido ou significado para ele em nossas vidas, este artigo buscou definir o lixo não somente como algo descartado de nosso uso cotidiano, mas também de nossos sentimentos e seu provável retorno a um estado de natureza.

**Palavras-chave:** coisa; Objeto; Lixo; Artificial; Natural

## 1 Introdução

Dentre tantas formas de vida no mundo, somente uma espécie obteve a capacidade de interferir no ecossistema e manipular o estado natural das coisas em prol de si mesmo. O ser humano ao consumir e transformar o que é natural dá início à sua história, uma história que conta a respeito de uma sociedade em progressiva desnaturalização, que se encaminha ao mundo cultural, ou seja, um mundo onde as coisas passam a ser carregadas de significados particulares ao próprio homem (MOLES, 1981). Em consequência disso, podemos afirmar que o mundo artificial é o mundo composto de elementos artificiais (objetos) e não mais somente de elementos da natureza (coisas).

Podemos até diferenciar pré-história da história, mediante a invenção da escrita, mas se os objetos “são nossa maneira de medir a passagem de nossas vidas. São o que usamos para nos definir, para sinalizar quem somos, e o que não somos” (SUDJIC, 2008), isto implica que, até então, o mundo cultural que se iniciou com a construção do artificial, e que ainda estamos construindo, tem sua história sendo registrada há muito mais tempo pelos objetos deixados para trás – vasos, mobiliários, sarcófagos, ferramentas –, muitos dos objetos do cotidiano que atualmente poderiam ser classificados como lixo, mas que quando descobertos ou compreendidos por outra perspectiva ganham nova denominação, passam a se chamar artefatos históricos.

Flusser (2017) afirma que: “a história humana [...] não é uma linha reta traçada da natureza à cultura. Trata-se de um círculo, que gira da natureza à cultura, da cultura ao lixo, do lixo à natureza, e assim por diante. Um círculo vicioso”. Pode-se adicionar a isso, uma ótica de que “o mundo em que vivemos é um mundo criado pelo homem e, por isso, podemos recriá-lo” (TAMMELA, 2016, p. 34). Uma vez que, esse ‘mundo’ está sempre em movimento e evoluindo, não há como limitá-lo ou pará-lo. Desse modo, a ideia de um círculo vicioso, que possibilita o movimento entre natureza/cultura/lixo pode ser representada conforme a Figura 1.

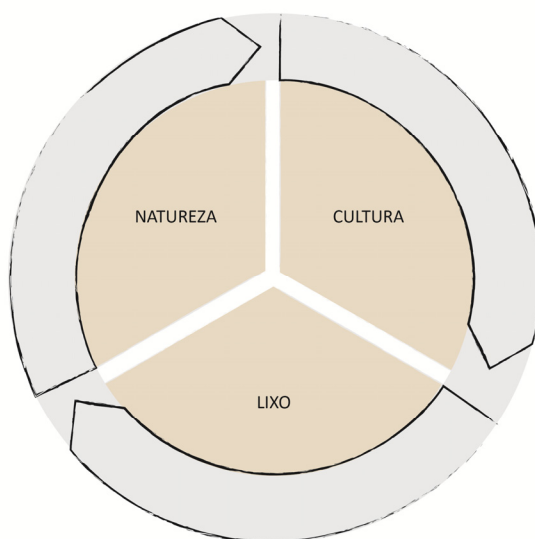


Figura 1. Fluxo da história humana baseado em Flusser (2017).  
Fonte: Flusser (2017)

Portanto, este ensaio discute a respeito do entendimento que temos e como definimos o lixo e seu retorno a um estado de natureza, não somente como algo descartado de nosso cotidiano, mas como algo descartado de nossos sentimentos. Ainda que, não tenhamos tempo de “desenvolver uma relação entre dono e objeto” e sermos surpreendidos pelas extinções dos objetos e seus ciclos de vida mais curtos (SUDJIC, 2008). Contudo, como discorre Tammela (2016, p. 38) “a grande capacidade humana está exatamente em criar o novo, o não imaginado”, isto nos dá a capacidade de elegermos vários pontos de vista diferentes criando perspectivas melhores ou piores em relação ao que costumamos chamar de ‘lixo’.

## 2 Definição de lixo como coisa artificial

É indiscutível que o ciclo da vida imposto ao homem caminha linearmente em direção à morte e se mostra tão complexo que o controlar ainda não é viável. Contudo, para ampliar essa visão de mundo, o homem tenta manipular o estado natural das coisas. As coisas não são regidas por um projeto, uma vez que não há design nesse mundo natural, elas se apresentam a nós sem pretensão de significar ou modificar, e por ‘natureza’ são somente passivas de explicação, “pelo fato de a natureza ser objetiva e não prospectiva, as coisas não podem ter propósito nem projeto” (DOHMANN, 2013; FLUSSER; CARDOSO, 2017). Partindo desse entendimento, nos deparamos com as leis da natureza, que são imutáveis, regem a estabilidade do mundo e não aceitam intervenções em seus elementos originais, mas podem ser carregados de significados particulares. Por meio da configuração, convenção e interpretação dos elementos da natureza o homem encontrou um modo de se comunicar com as coisas, carregando-as de informações quando lhes dava forma, transformando-as em objetos.

O objeto é uma coisa preenchida de significado, possui intenção de comunicar, foi projetado para isso, e por simbolizar algo ao homem, também foi alçado ao cargo de mediador da comunicação entre o homem seus semelhantes. Tão verdade, que Flusser (2017) afirma: “A comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte”.

Dessa maneira, adotamos para este ensaio interpretar o termo “coisa” como: aquilo natural, sem significado, mas passível de explicação, como Ingold (2012) explica ao descrever o exemplo da árvore em seu estudo “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”

[...] lá está ela, enraizada na terra, seu tronco se erguendo e seus galhos se abrindo, balançando ao vento, com ou sem brotos ou folhas, dependendo da estação. A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? [...]. Essas considerações me levaram a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa.

Como sempre acontece, a partir da manipulação da ‘coisa’ – seja por meio da forma ou por interferências em sua constituição natural – surgem os objetos. Portanto, objetos são coisas carregadas de significados, mas que também visam preservar sua informação frente à entropia da natureza. Nesse sentido, Miller (2013, p. 78) complementa que:

[...] os objetos são importantes não porque sejam evidentes e fisicamente restrinjam ou habilitem, mas justo o contrário. Muitas vezes, é precisamente porque nós não os vemos. Quanto menos tivermos consciência deles, mais conseguem determinar nossas expectativas, estabelecendo o cenário e assegurando o comportamento apropriado, sem se submeter a questionamentos.

Percebe-se, assim, que as relações sociais começam a ser moldadas e explicadas pelas relações do homem com os objetos, desde o seu consumo ao seu descarte. Logo, a sociedade pode ser parcialmente compreendida, uma vez que a constante manipulação, e apreciação das formas e funções dos objetos em seu cotidiano altera o modo como estes são vistos e como os humanos estabelecem vínculos emocionais com eles. Essa relação configura nossas características culturais por estarem presentes em nosso cotidiano e, conseqüentemente, influenciando nossos hábitos (FLUSSER; CARDOSO, 2017; FORTY, 2007; SUDJIC, 2008). Forty (2007) exemplifica essa relação quando fala dos primeiros aparelhos de rádios no fim dos anos 1920 e começo dos 1930 (Figura 2), que foram desenvolvidos em três categorias de soluções diferentes para a mesma mercadoria.

A primeira era alojar o aparelho em uma caixa que imitava uma mobília antiga, e assim referia-se ao passado. A segunda era esconder o rádio dentro de uma peça de mobília que servia para alguma finalidade bem diferente, como uma poltrona. A terceira, que se tornou mais comum à medida que as pessoas se familiarizavam com o rádio e o

achavam menos perturbador, era colocá-lo dentro de um estojo desenhado para sugerir que pertencia a um mundo futuro e melhor. Cada um desses designs transformou o rádio original, "primitivo", de modo a torná-lo irreconhecível. As três abordagens evidentes nesses aparelhos de rádio – a arcaica, a supressiva e a utópica – repetiram-se com tanta frequência no design industrial que se pode dizer que compõem uma gramática básica do repertório da imagética do designo (*sic*) (FORTY, 2007, p. 20).



Figura 2. Volksempfänger VE301 (1928–33); Ekco AD 65 (1932–34) e Brionvega Ls (1964), respectivamente.  
Fonte: (TAMBINI, 2004, p. 56–57).

Nesse contexto, o comércio dos objetos estabelece um marco para a criação de uma sociedade de consumo, que ao ver de Canclini (1995, p. 56) “no consumo se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade”. Ao refletirmos sobre isso, observa-se que os objetos começam a ser qualificados e quantificados, como, por exemplo quando tentamos definir sua vida útil ou tempo de relacionamento. Essa afirmação é corroborada por Dohmann (2013, p. 33) ao citar Annette Weiner

“...nós usamos objetos para fazer declarações sobre nossa identidade, nossos objetivos, e mesmo nossas fantasias. Através dessa tendência humana, de atribuir significados aos objetos, aprendemos desde idade tenra idade que as coisas que usamos veiculam mensagens sobre quem somos e sobre quem buscamos ser. (...). Estamos intimamente envolvidos com objetos que amamos, desejamos ou com os quais presenteados os outros. Marcamos nossos relacionamentos com objetos (...). Através dos objetos fabricamos nossa autoimagem, cultivamos e intensificamos relacionamentos. Os objetos guardam ainda o que no passado é vital para nós (...) não apenas nos fazem retroceder o tempo, como também tornam-se tijolos que ligam o passado ao futuro.” (WEINER 1987, P. 159).

Por outro lado, podemos chamar um objeto de ‘produto’, o que nos remete a algo produzido por uma fábrica ou podemos chamar o mesmo objeto de ‘mercadoria’, que pode considerar tanto um indivíduo ou um coletivo de objetos, mas nesse caso o restringe ao período de convivência dentro de uma empresa antes de ser vendido. Contudo, os objetos produzidos e vendidos não encerram suas vidas dentro das empresas, eles seguem aos nossos lares, ao nosso convívio e se conectam diretamente com os hábitos dos cidadãos, por isso tem influência em nossas decisões “[...] há artefatos que não são jogados fora nem na hora da morte de seus proprietários, mas que são passados adiante como herança e relíquia. A durabilidade do valor desses objetos, mesmo que seja um valor puramente afetivo,

transforma a própria noção de posse” (CARDOSO, 2016, p. 120). Compreende-se que não se consome somente pelas necessidades básicas de sobrevivência biológica, mas para satisfazer outras necessidades, como, por exemplo criar uma identidade por meio dos significados das nossas posses. Por isso, os objetos podem ser considerados como prolongamentos de nossos atos, de nossas vidas, uma vez que participam de nossa evolução biológica, psicológica, social e cultural (CANCLINI, 1995; DOHMANN, 2013; MOLES, 1981; STOUT, 2016; TRIGUEIRO, 2005).

Desse modo, para que haja a transição e movimentação entre os estados de “coisa, objeto e lixo”, entendemos que o significado ou sua ausência ocorre ao conectar, ou desconectar o homem completamente ou parcialmente do objeto com a qual ele se relaciona. Afinal, “[...] os objetos hoje são portadores de mensagens específicas sobre seus possuidores e ajudam a construir tanto a imagem que eles enxergam de si mesmos quanto aquela projetada por eles para ser percebida pelos outros” (REIS; SANTOS JUNIOR; LOBO, 2020, p. 564).

Assim, um objeto jogado no lixo deve ser aquele que não transmite mais informação àquele que o possui, que perdeu seu significado, mas ao ser descartado, prontamente pode ser aproveitado mesmo estando no lixo. Logo, algo jogado no lixo nem sempre pode ser lixo, o lixo realmente é algo não somente descartado por um indivíduo, mas que não possui mais importância para uma sociedade (CARDOSO, 2016). Para compreender a desconexão entre o objeto e o homem, sob a condição da evidência dessa possibilidade, há um questionamento a ser feito: qual seria, então, a diferença do ‘lixo’ para a ‘coisa’, uma vez que ambos estariam no mundo desprovidos de significados e conexões com os seres humanos?

Todas as coisas e objetos que circulam em nosso cotidiano transmitem informações que programam nossos hábitos, de modo consciente e inconsciente. No que lhe concerne, a hibridização cultural e as mudanças de hábitos também desconfiguram as informações já armazenadas, a ponto de gerar a ressignificação dos objetos. Nesses termos, o que realmente mudaria seria nossa percepção – transitando entre natureza-cultura, cultura-lixo, lixo-natureza – e não nosso entendimento do que determinaríamos por “coisa, objeto e lixo” (FLUSSER; CARDOSO, 2017; MOLES, 1981).

Por tudo que foi abordado, atreve-se a categorizar dois tipos de “coisa”: i) coisa natural, tudo aquilo advindo da natureza, nunca significado pelo homem e; (ii) coisa artificial, tudo aquilo advindo do ambiente cultural que perdeu seu significado. Logo, o lixo é uma “coisa artificial”, pois, é o resultado de uma naturalização do artificial, formada pelo descarte de objetos que gradualmente perderam seus significados perante uma sociedade, mas que ainda participam ativamente do cotidiano – que compõe uma natureza híbrida de coisas insignificantes que antes possuíam utilidade e um significado. “Se lixo é uma ideia que se faz do objeto, então segue que é possível redimir uma parcela das coisas que tratamos como lixo pela requalificação do seu sentido” (CARDOSO, 2016).

Portanto, os objetos não se desconectam completamente de nós, ficam à disposição para ser reinterpretados, e o despertar dessa consciência pode ser observado, ainda incipiente, em projetos extremamente técnicos que visam criar menos impactos ambientais (Figura 4), mas que ainda não conseguem superar todos os antigos obstáculos sociais e éticos, provando que tanto quanto os objetos utilitários, o lixo começa a obstruir nossos caminhos e compor uma nova natureza, podendo ser chamada de artificial (FLUSSER; CARDOSO, 2017; MANZINI, 2008).



Figura 3. Garrafas de plásticos, resíduos de madeira e de móveis descartados, servem de insumo para construção de produtos no projeto da designer britânica Micaella Pedros.

Fonte: disponível em: <https://www.micaellapedros.com/>.



### 3 Desconectar-se do objeto

É de fundamental importância, antes de falarmos das formas de desconexão entre o objeto e o homem, compreendermos o período da história em que este ensaio é realizado. Vivemos em plena era do consumo, onde o consumidor está cada vez mais ávido por novos *gadgets*, roupas, *games*, decoração de interiores, entre outros, e como isso tudo dita o ritmo da indústria e acelera a obsolescência estilística dos objetos para satisfazer essa ânsia pelo consumo que nos leva ao individualismo. A apropriação e uso momentâneo desses objetos caracterizam o cotidiano da pós-modernidade (BAUMAN, 2008; CANCLINI, 1995; LIPOVETSKY; SERROY, 2014; MOLES, 1981).

Também é importante observar que o objeto influencia e configura, em sua essência, a cultura do cotidiano, pois uma simples pedra, ao ser amolada e transformada em uma ferramenta (Figura 4) para cortar a pele de um animal e assim transformar essa pele em uma vestimenta útil, para nos proteger de intempéries, acaba estabelecendo uma relação vital para a sobrevivência e desenvolvimento humano. Logo, os objetos são responsáveis tanto pela transmissão de informação quanto pela parceria funcional e emocional. Contudo, o descarte desses objetos produzidos massivamente pelo homem contemporâneo também pode ser um obstáculo para sua evolução, por exemplo: “[...] Uma greve de coleta de lixo que dure mais de uma semana é suficiente para paralisar qualquer metrópole” (CARDOSO, 2016, p. 131). Isso nos leva a conclusão que quanto mais queremos evoluir, mais consumimos e obstruimos nossos caminhos (DOHMANN, 2013; FLUSSER; CARDOSO, 2017; MOLES, 1981).



Figura 4. Ferramentas do período neolítico expostas no Museu Nacional de Arqueologia de Atenas.

Fonte: Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/34/Ancient\\_Greece\\_Neolithic\\_Stone\\_Tools\\_%26\\_Weapons.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/34/Ancient_Greece_Neolithic_Stone_Tools_%26_Weapons.jpg)

Muitas pesquisas procuram compreender o motivo que nos leva ao consumo, e como isso nos afeta, mas tão pouco sabemos, por exemplo, a causa de os objetos serem descartados e se de fato perdemos a capacidade de programar nossos hábitos quando viramos ‘lixo’. Outro fato importante para compreensão do fenômeno do descarte é o da velocidade com que os artefatos cotidianos entram e saem de nossas vidas, a ponto de a existência de alguns quase serem imperceptíveis. É um desafio entender quais significados damos aos objetos, mas o mais intrigante seria compreender os significados que retiramos dos objetos antes de serem descartados. Ao examinarmos uma lata de lixo, podemos encontrar inúmeros objetos e coisas descartadas em seu interior, no entanto poderíamos identificar claramente a diferença de um galho de árvore e de um espetinho de churrasco, logo, nem todos os significados das coisas são retirados por completo de nós. Ambos estariam no mundo desprovidos de significados, mas suas conexões para com os seres humanos, participando para evolução ou como obstáculo, estariam presentes. Dessa forma todas as coisas estão a mercê de uma “objetificação” ou “desobjetificação” de acordo com sua importância e influência na sociedade (FLUSSER; CARDOSO, 2017). Sobre isso, Sudjic (2008, p. 20) explica que:

De um ponto de vista prático, ela [um objeto qualquer] é totalmente inútil. Mas ainda não consigo jogá-la fora, apesar de saber que, algum dia, quem quer que venha esvaziar a minha casa enfrentará o mesmo dilema que enfrentei. Desfazer-me até mesmo de um objeto inútil para o qual fico sem olhar anos a fio é, de certa forma, me desfazer de parte de uma vida. Mas guardá-lo sem uso é experimentar uma censura muda cada vez que se abre a porta do armário. A mesma censura é projetada por uma estante cheia de livros não lidos. E uma vez lidos, eles perguntam, baixinho a princípio, mas depois cada vez com mais insistência: será que algum dia tornaremos a lê-los?

Em vista dos argumentos apresentados, considerando a máxima: “na natureza nada se perde, tudo se transforma”, nos deparamos com questões sobre os objetos que possuem valores afetivos e emocionais e que são estimados pelas pessoas, mas que, ao mesmo tempo, são descartados e/ou estão em desuso. Nesse contexto, qual a melhor definição para esses objetos? São considerados “lixo” ou “coisa artificial”? Não é fácil chegar a um consenso a esse respeito. Para nós, a palavra “lixo” apontará para objetos estimados que foram substituídos por outros – favorito ou não – que nos trazem recordações e sentimentos agradáveis e prazerosos.

A palavra “lixo” não representa apenas os resíduos provenientes de atividades comerciais, domésticas, industriais, mas em alguma fase de seu ciclo ele pode ser empregado na construção de produtos tornando-se um recurso, que pode ser empregado novamente em outros setores e atividades comerciais, industriais, de lazer, pois, assim como nossos recursos naturais, os resíduos também seguem suas vidas sociais e possuem valor social. Tanto é verdade que o que aprendemos a chamar de lixo nunca deixou de ser considerado como material ou coisa, mesmo que desprovidos de sentido ou propósito. Logo, lixo é o resultado da cultura e não apenas de um comportamento social (BRAGA, 2016; FLUSSER; CARDOSO, 2017).

Contudo, o desafio maior é entender como a circulação dos objetos de nosso cotidiano, organizados e evoluídos, estariam à mercê de uma desobjetificação. Nesse contexto, Ingold (2012, p. 29) esclarece que

O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. Ele é definido por sua própria contrastividade com relação à situação na qual ele se encontra (Heidegger 1971, p. 167). A coisa, por sua vez, é um "acontecer", ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião.

Nesta perspectiva, surgem questionamentos como: “o que ocorre com os artefatos comuns que nos cercam o tempo todo, que entram e saem de nossas vidas com tamanha rapidez que, às vezes, sua existência passa despercebida? O que acontece com as coisas depois que são descartadas por nós?” (CARDOSO, 2016, p. 141). Essas indagações reforçam que, tanto o termo “lixo” quanto o termo “coisa”, neste caso, servem para distinguir e nos dar pontos de vista distintos dos objetos estimados que descartamos. Dohmann (2013, p. 32) explica que “no princípio tudo eram coisas, enquanto, atualmente, tudo tende ao objeto”. Uma razão para isso é que os objetos, mesmo depois de descartados e de terem perdido sua essência de utilidade, de tecnologia, de interesse, de valor, ainda contam a história de nossas vidas. Em outras palavras, nem todos os objetos perdem seu encanto quando um novo ocupa seu lugar.

[...] Felizmente, para todos nós, o lixo de um é mesmo o luxo de outro. Quem duvidar disso, que jogue uma latinha de alumínio vazia na rua de uma grande cidade brasileira. Ao retornar ao local, horas ou minutos depois, seu lixo terá sido catado por alguém que tira seu sustento do desprezo alheio. Aquele objeto que havia sido esvaziado de sentido para quem o encarava apenas como veículo volta a ser mais do que apenas lixo a partir do instante que é encontrado por alguém que lhe atribua valor (CARDOSO, 2016, p. 113).

## 4 Conclusão

Sem dúvida, Canclini (1995), ao dizer que o “consumo serve para pensar”, nos permitiu repensar sobre o modo como consumimos, interagimos e criamos laços emocionais com os objetos e, ainda, como eles são importantes para nossas vidas. Porém, muitas vezes esquecemos de refletir sobre a ruptura, o descarte dos nossos objetos estimados quando chegam ao desuso.

Os termos “lixo” e “coisa” serviram como ponto de partida e suporte para abordagens diferentes sobre o assunto. Em linhas gerais, agora podemos afirmar que: “lixo” e “coisa” são dois lados de uma mesma moeda. Essa constatação é indicada tanto por Cardoso (2016, p. 133), quando explica que o “lixo nada mais é do que a matéria desprovida de sentido ou propósito” quanto por Ingold (2012) ao afirmar que “o mundo em que habitamos é composto não por objetos, mais por coisas”. Consequentemente somos levados a considerar que tudo o que no passado aprendemos a chamar de lixo, nunca deixou de ser considerado como materiais ou coisas (BRAGA, 2016) e que os objetos em desuso – substituídos – ajudam a definir a nossa história, nosso passado e nos ajudam a entender o futuro. Conjecturamos que essa total compreensão a respeito do objeto talvez nos remeta à escrita, como linguagem.

No passado decomposmos a natureza até encontrarmos seus conceitos fundamentais, a decodificamos na escrita, em fórmulas matemáticas, o suficiente para manipulá-la e construir nossa cultura. Posteriormente encaminhamos a essa mesma natureza os resíduos de uma cultura baseada no consumo e no descarte. Esses resíduos, em parte aqueles que denominamos de lixo, hoje constitui nossa natureza, mas como demonstra da Figura 5, o ciclo que movimenta nossa vida parece uma engrenagem, onde a natureza em constante hibridização recolhe e alimenta a cultura, que por sua vez é capaz de transformar constantemente tanto o significado quanto a forma do que ora é lixo e ora é natureza. Assim, a compreensão a respeito da linguagem dos objetos e suas dimensões naturais/artificiais, utilizada para explicar a interação entre o que é coisa, objeto e lixo, se estabelece mais próximo ao campo da comunicação – pois é uma linguagem, assim como a escrita –, compartilham informações no momento em que se atribui significado aos objetos, capazes de serem compreendidos e de se relacionarem intimamente com seus usuários.

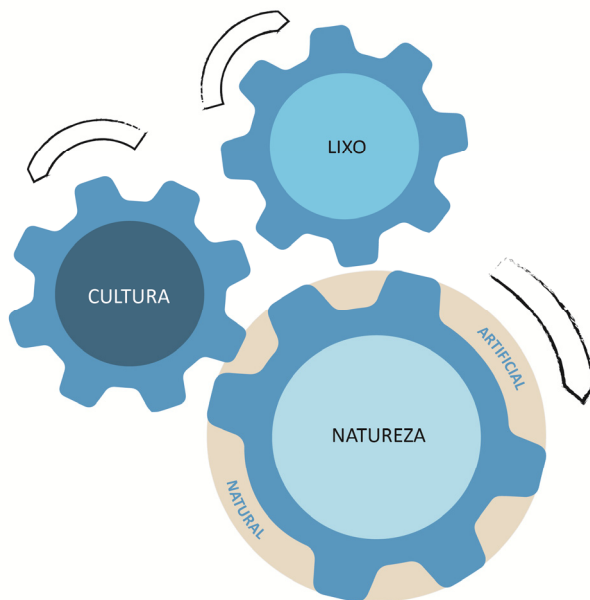


Figura 5 O ciclo cultura-lixo-natureza e seus movimentos.

Consoante ao que diz Flusser, estamos evoluindo para um novo mundo, composto por superfícies – físicas e digitais, que formam imagens e cenários – carregados de conceitos advindos de nossas experiências comunicacionais evolutivas. Por meio de linhas de programação, codificamos esses conceitos para a construção de um novo mundo, não mais baseado no real, mas no virtual. Ou seja, nosso mundo artificial já está sendo recodificado em linhas de programação, e sendo construído por meio de dados, seja de modo físico (podemos citar projetos em impressoras 3D) ou virtualizando ambientes e mundos imersivos (simuladores de realidade virtual).



Em face a esse novo mundo do imaterial, mais programável, ágil e expressivo por meio da comunicação, agora de forma mais sentida do que lida, mais formas e menos linha, torna-se relevante compreender os significados que estipulamos para definir “coisa, objeto e lixo”, onde conforme este ensaio demonstrou, o ciclo “Natureza, Cultura e Lixo” expandiu ao menos a ideia de que a dualidade entre natureza e artificialidade, na verdade, não estejam em oposição, mas que os produtos gerados ou advindos delas – definidos neste ensaio como “coisa natural” e “coisa artificial” – ao serem destituídos de sua utilidade, acabam por retornar ao mesmo local de onde surgiram, ou seja, à própria natureza, e seu impacto transformador é justamente a hibridização de nossos recursos “naturais”, modificada pelos efeitos intervencionais do homem (Figura 5). Resta-nos esperar para descobrir quais desses termos ainda existirão no futuro e em qual prateleira real ou virtual seus nomes estarão etiquetados.

---

## The stuff, the object, and the waste

**Abstract:** The waste could be considered an 'artificial thing'? Would it be an object were full of meanings, has become insignificant to human beings and has lost its value? By thinking about disposal of objects and the inability of finding a new sense or meaning for it in our lives, this article intends to define garbage not only as something disposable from our daily use, but also as something expendable from our feelings and which will probably return to a state of nature.

**Keywords:** Stuff; Object; Waste; Artificial; Natural

## Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRAGA, C. H. F. **O devir das coisas: uma etnografia dos fluxos vitais dos resíduos sólidos da indústria naval da cidade de Rio Grande/RS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016. *E-book*

DOHMANN, M. A experiência material: a cultura do objeto. In: DOHMANN, M. (org.). **A experiência material: A cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013. p. 31–46.

FLUSSER, V.; CARDOSO, R. (org.). **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Tradução Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu, 2017.

FORTY, A. **Objetos de desejo - design e sociedade 1750**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia Das Letras, 2014. *E-book*

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Tradução Carla Cipolla. Rio de Janeiro: e-papers, 2008. v. 1

MEGIDO, V. F. (org.). **A revolução do design: conexões para o século XXI**. São Paulo: Gente, 2016. *E-book*

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOLES, A. A. **Teoria dos objetos**. Tradução Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

REIS, F. P. DOS; SANTOS JUNIOR, J. M. DOS; LOBO, F. DE A. S. Entre design e arte: o objeto ressignificado. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CULTURA E SOCIEDADE, 3., 2020, Maranhão. **Anais** [...]. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/43272682/Entre\\_design\\_e\\_arte\\_o\\_objeto\\_reassignificado](https://www.academia.edu/43272682/Entre_design_e_arte_o_objeto_reassignificado)

STOUT, D. Contos de um neurocientista da idade da pedra. **Scientific American Brasil**, p. 24–31, maio 2016.

SUDJIC, D. **A linguagem das coisas**. Tradução Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

TAMBINI, M. **O design do século**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

TAMMELA, J. Designer. O ser criativo, o ser inovador. *In*: MEGIDO, V. F. (org.). **A revolução do Design: conexões para o século XXI**. São Paulo: Gente, 2016. *E-book*

TRIGUEIRO, A. **Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.